

UM É POUCO, DOIS É BOM / 1970

Um filme de ODILON LOPEZ

Realização e argumento: Odilon Lopez / *Diálogos:* Luís Fernando Veríssimo / *Direção de fotografia:* Roland Henze / *Direção de arte:* Luiz C. Cena / *Montagem:* Waldemar Noya / *Som:* António Smith Gomes / *Música:* Flávio de Oliveira / *Banda sonora:* “Marcha Nupcial” – Félix Mendelsson, “Prelude to a kiss” – Duke Ellington, “Smiling Phases” – B.S.T., “I Put a Spell on You” – Nina Simone, “Dança” – Tielmann Susato / *Interpretação* – “Com Um Pouquinho... de Sorte”: Araci Esteves (Maria), Eduardo Braul (Capotagem), Amélia Bittencourt, Carlos Carvalho (Jorge), Abraão Gabinski, Luiz Carlos Magalhães, César Magno, Eny Neves / *Interpretação* – “Vida Nova... por Acaso”: Odilon Lopez (Crioulo), Francisco Silva (Magrão), Vânia Brown (Gênio), Luiz Fernando, Ângela Grossier, Margarida Linera (Endoncina), Jorge Rosa.

Produção: Odilon Lopez / *Empresa produtora:* Super Filmes (Brasil, 1970) / *Cópia:* DCP (a partir de digitalização de negativos em 35mm Eastmancolor), cor e preto e branco, falado em português, legendado em inglês / *Digitalização:* Cinemateca Capitólio, Indeterminações, Mnemosine Servilos Audiovisuais, com apoio da Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa de Porto Alegre, Iatú Cultura / *Produção da digitalização:* Daniela Mazzilli, Débora Butruce, Gabriel Araújo, Lorena Rocha, Marcus Mello / *Coordenação técnica e consultoria de preservação digital:* Débora Butruce / *Digitalização em 4K:* Mapa Filmes do Brasil / *Supervisão técnica:* Aarão Marins / *Digitalização e limpeza digital:* Lucas Vernet, Amanda Soares / *Finalização:* Link Digital / *Correção de cor:* João Paulo Reis Santos / *DCP:* Ricardo Zimelewicz / *Pesquisa:* Lorena Rocha, Marcus Mello / *Duração:* 90 minutos / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.*

A sessão de dia 21 será precedida por uma mesa-redonda sobre o processo de restauro deste filme, onde participarão Lorena Rocha (cofundadora da INDETERMINAÇÕES e investigadora da obra de Odilon Lopez), Vanessa Lopez (filha de Odilon), Lincoln Pérciles (realizador) e Tiago Baptista (diretor do Arquivo Nacional das Imagens em Movimento, o centro de conservação da Cinemateca Portuguesa).

Odilon Lopez (1941-2002) foi jornalista, repórter televisivo e de rádio, ator e, também, realizador de cinema. Assinou **Um É Pouco, Dois É Bom** com apenas 29 anos, sendo que esse filme foi a primeira longa-metragem realizada por um cineasta negro em Rio Grande do Sul [a primeira longa brasileira de um realizador negro foi **Estou aí** (1949, José Cajado Filho)]. Mais que isso, segundo o crítico Luiz Carlo Merten, Lopez foi “o primeiro cineasta negro a abordar os programas de sua raça no Brasil” e, segundo o investigador Noel dos Santos Carvalho, foi o “primeiro diretor negro [brasileiro] a ter o controle quase total sobre a sua obra”.

O título do filme de Odilon Lopez contém já um programa. “Um é pouco, dois é bom” refere-se à estrutura narrativa do filme, dividida em duas histórias (duas médias-metragens com cerca de 45 minutos cada, a primeira intitulada “Com um Pouquinho... de Sorte”, a segunda “Vida Nova... Por Acaso”) – divisão essa que o filme assume de forma paródica, não só com o “intervalo para publicidade” no meio (onde “qualquer semelhança com a televisão é pura coincidência”), mas também através dos genéricos satíricos que concluem cada episódio. Mas, mais do que um comentário meramente “estruturalista”, o título refere-se, igualmente, à figura do casal, uma vez que cada história retrata uma relação monogâmica (homem/mulher), ora através da instituição do casamento, ora através de um namoro de dependência/abuso. Isto é, “um é pouco, dois é bom” pode ser lido como “estar acompanhado é melhor do que estar sozinho” (sendo que, mesmo na segunda história, conclui-se que o verdadeiro casal é a *dupla* de carteiristas).

O que se produz a partir destas duas histórias é um filme que, sem ter qualquer pretensão dialética, propõem – isso sim – um discurso “dialógico”, que é como quem diz, **Um É Pouco, Dois É Bom** é um filme que discute consigo mesmo sobre os mecanismos da ascensão socioeconómica numa sociedade marcada por várias formas de desigualdade (as diferenças de classe, de género, de etnia, etc.), discussão essa que não sendo conclusiva levanta várias questões e denuncia, ironicamente, as contradições dos imaginários de sucesso.

Pois veja-se, em “Com um Pouquinho... de Sorte” o *projeto de vida* do casal protagonista é casar-se, comprar casa e ter filhos. Maria e Jorge são um *cliché* da família tradicional de classe média baixa (ela acaba de sair da favela) e todo o episódio tratará de aplicar os mecanismos da tragédia de modo a torpedear os planos do casal. Na ganância das horas extra e dos prêmios, Jorge vê-se implicado num grave acidente de trabalho que o lança para o desemprego. Sem rendimento fixo e com o peso da prestação bancária, vê-se obrigado a todo o tipo de subterfúgios para prolongar a sua permanência naquele imóvel, feito símbolo do seu sucesso profissional e pessoal. A ironia do desenlace, que a primeira cena do filme já anunciava (e que o *flashback* final virá recordar), está no facto de, para garantir a ascensão socioeconómica da família, Jorge terá que prescindir da própria vida (o seu seguro de vida garante o pagamento do crédito à habitação).

Odilon Lopez entende esta “tragédia” de forma desarmantemente lúdica, observando-a em todos os seus paradoxos. Extremando o tom dramático dos atores (próximos da novela), contrastando ao máximo as cores dos cenários e figurinos, acentuando os momentos de felicidade (a sequência de passeio no jardim zoológico recorda, em certos momentos, essoutro filme de fina ironia sentimental, **Le Bonheur**, de Agnès Varda), trabalhando as elipses (o atropelamento que descobrimos a partir do jornal) e – melhor que tudo – construindo a sequência final numa montagem paralela entre a destruição do apartamento (filmada a preto e branco, como que sublinhando a natureza prostética daquele domicílio de papelão) e o trabalho de parto de Maria. Aí, nesse grito de recém-nascido que se faz gemido de morte, não se pode deixar de esboçar um sorriso perverso. É a morte do pai que dará ao filho uma possibilidade de ascensão social. Só que esse sacrifício se faz através da destruição da propriedade, aquela que eventualmente garantirá essa dita ascensão, aquela que era/é o símbolo do sucesso burguês. Um nascimento que coincide com uma morte, fechando-se um círculo de exploração de onde só se sai com “um pouquinho de sorte”.

Já em “Vida Nova... Por Acaso” o ponto de vista é outro, mas o comentário é semelhante. Crioulo (interpretado pelo próprio realizador) e Magrão são dois carteiristas que acabam de sair da prisão. Aliás, atente-se nessa primeira sequência onde Odilon Lopez afirma – logo de início – que também esta segunda história está presa a um ciclo vicioso (de classe) do qual não há escapatória (refiro-me ao divertido jogo de espelhos onde se anuncia, na abertura, como terminará a ação). Ao contrário do primeiro episódio, em que é através do trabalho (e do crédito bancário) que se dá a (falsa) ascensão social, no segundo isso acontece através de um acaso perverso (como o título já denunciava). Crioulo torna-se namorado de uma rapariga rica com o intuito primeiro de a assaltar. Ela dá-lhe acesso às esferas sociais da alta burguesia com a nuance de que ele é, para ela, uma mera projeção freudiana de um trauma de infância fundado no mais elementar dos racismos. Porém, apesar do desapego instrumental dela, Crioulo acredita – momentaneamente – que aquela poderá ser a saída da sua vida de pequena criminalidade (e desiste de lhe roubar seja o que for – contra a vontade do colega).

Também aqui Odilon Lopez esbate os esquemas narrativos e faz desta espécie de *comédia romântica de enganos* uma sátira ao movimento *new age* que dominava as mentalidades jovens de classe média um pouco por todo o mundo. O que o realizador faz é olhar para aquela comunidade *peace and love* em todas as suas contradições, retratando-a, afinal, como movimento reacionário (leiam-se os divertidíssimos *graffitti* que os “ativistas” escrevem nas paredes). Aliás, todo este segundo episódio se funda – de forma mais explícita ainda que o primeiro – em “imagens de contradição”: quando sai da prisão, Magrão tem um “chaveiro sem chave” que abre uma “fechadura sem fecho” de uma “namorada sem elo” de um outro tempo, quando o seu “relógio sem ponteiros” ainda funcionava. Esta série de “objetos paradoxais” traduz, de forma literal, aquilo que são as contradições de uma organização social desigual (onde de um lado estão os “capengas” e do outro os “cães bravos”). Trata-se de uma denúncia mordaz (*ou mordes ou és comido*) que encontra a sua cristalização no neologismo “grangeste”: combinação de *grã-fino* e *cafajeste*.

Mais do que um importante marco na história do cinema negro brasileiro, **Um É Pouco, Dois É Bom** é uma divertida *gozação* dos mecanismos através dos quais se organiza a nossa sociedade de classes.

Ricardo Vieira Lisboa